



A TRINDADE IMAGINADA NA AMÉRICA LATINA

The Trinity imagined in Latin America

Joabe Marques dos Anjos¹

Resumo

O presente artigo visa evidenciar como a Trindade, enquanto elemento central da fé cristã, está sendo apresentada e contextualizada na América Latina. Por ser um tema de difícil compreensão popular, a Trindade pode ser apresentada de modo que encontre ressonância com temas específicos dentro de determinado contexto, tratados a partir de aspectos trinitários, como comunhão, relacionalidade, diversidade, alteridade e ecologia, de forma metafórica. Desse modo, este trabalho demonstra como a visão bíblica acerca de Deus vai desde um monoteísmo estrito no Antigo Testamento à exigência de uma ressignificação a partir da encarnação do Logos em Jesus de Nazaré, culminando na doutrina cristã da Trindade. Esta doutrina é determinante no fazer teológico latino-americano, pois destaca o caráter comunitário de Deus, e a partir do conceito de *perichoresis*, permite refletir sobre a incidência desta doutrina na sociedade, no que se refere a temas, como: relações humanas, diálogo inter-religioso e sensibilidade ecológica.

Palavras-chave: Doutrina da Trindade. América Latina. *Perichoresis*.

Abstract

This article aims to show how the Trinity, as a central element of the Christian faith, is being presented and contextualized in Latin America. Because it is a popularly difficult topic, the Trinity can be presented in a way that resonates with specific themes within a given context, treated from trinitarian aspects, such as communion, relationality, diversity, alterity and ecology, in a metaphorical way. Thus, this work demonstrates how the biblical view of God goes from a strict monotheism in the Old Testament to the requirement of a re-signification from the incarnation of the Logos in Jesus of Nazareth, culminating in the Christian doctrine of the Trinity. This doctrine is determinant in the Latin American theological work, since it emphasizes the communitarian character of God, and from the concept of *perichoresis*, it allows to reflect on the incidence of this doctrine in the society, in relation to subjects, such as: human relations, interreligious dialogue and ecological sensibility.

Keywords: Doctrine of the Trinity. Latin America. *Perichoresis*.

¹Bolsista de Iniciação Científica CNPq – vinculado ao projeto Trindade Pública sob orientação do Prof. Dr. Rudolf von Sinner

Considerações Iniciais

Antes de abordarmos de modo categórico o nosso assunto é importante que se faça algumas considerações acerca do modo pelo qual falamos de Deus. A doutrina cristã de Deus, bem como o cristianismo em si, nasce de uma releitura da fé judaica que se encontra no Antigo Testamento. Portanto, para falar sobre a compreensão de Deus no cristianismo é necessário que se entenda o fundamento do qual ela parte, a fé judaica. Dito isso, é fundamental que façamos a leitura dos textos sagrados, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, partindo do pressuposto de que o Deus descrito nas Escrituras não é meramente uma imagem estática, mas também é fruto de determinados contextos e também de múltiplas experiências; nesse caso, a Escritura e também a tradição cristã tratam de interpretações que são narradas em formas de metáforas, modelos e conceitos apropriados a tempos e lugares específicos.² Dessa forma, ao olhar para as Escrituras, “o que é interessante e importante são as metáforas, modelos e conceitos particulares que tornam o poder salvífico de Deus uma realidade concreta para determinados povos em tais tempos e lugares”.³

Com essa perspectiva, podemos contextualizar e imaginar Deus, tanto a partir da América Latina como para a América Latina. Significa dizer que, as imagens Deus não apenas é fruto da experiência de determinado grupo, mas também as mesmas imagens que se tem de Deus influi na experiência de determinado grupo. Por isso propomos uma reflexão coletiva – preservando a reflexão bíblica e da tradição – e contextual de Deus, destacando prioritariamente seu caráter trinitário e, a partir da noção pericorética da relação intra-divina, propor modelos de relacionamentos sociais, inter-religiosos e ecológicos.

As imagens de Deus na Bíblia – o Deus Uno e Único como unificador

As imagens de Deus no Antigo Testamento sugerem essa noção de desenvolvimento de metáforas e modelos que partem da experiência do povo em diferentes épocas e contextos e que demonstram certo “amadurecimento” ou modificações na compreensão acerca de Deus e da forma como se relaciona com seu povo. Nos inícios, a formação do povo de Israel é marcada pela pluralidade de rostos do Sagrado. Com o tempo, entretanto, desenvolveu-se em Israel uma fé monoteísta que creditava a Yhwh

² McFAGUE, Salie. *Modelos de Deus*: Teologia para uma era teológica e nuclear. São Paulo: Paulus, 1996. p. 70.

³ McFAGUE, 1996, p. 72.

exclusividade.⁴ Essa exclusividade, primeiramente, não consiste na negação de outras divindades, por isso destaca muito mais o caráter da unidade do que da unicidade de Deus.⁵ Essa unidade é o fundamento pelo qual se constitui a indissociabilidade da relação de Deus com seu povo, uma relação de amor exclusivo entre Yhwh e Israel.⁶

Ao passo que essa relação se constitui de modo exclusivo, os outros deuses, que não se relacionam com Israel, são desendeusados e a unicidade de Yhwh se constitui agora de modo estritamente universal. Apesar do caráter excludente dessa perspectiva, ela implica necessariamente em refletir “sobre a relação de Yhwh com os demais povos, em primeiro lugar sob o aspecto do juízo, mas depois também da participação não excluída da salvação, pensada primeiramente para Israel (Is 52.10,15; 55.1-5)”.⁷ Desse modo, o vínculo direto entre Deus e seu povo é estendido aos demais povos, constituindo a esperança escatológica do nome de Yhwh que há de ser “rei sobre toda a terra”, e regerá pacificamente sobre o mundo a partir de Jerusalém.⁸

É preciso distinguir, entretanto, os dois momentos desse monoteísmo. No primeiro momento, é um monoteísmo libertador. Yhwh é o Deus que está no controle de tudo, os deuses das nações opressoras não passam de ídolos, Yhwh é o verdadeiro Deus que está ao lado dos oprimidos. Essa afirmação trazia esperança ao povo do exílio. O segundo momento é o do monoteísmo teocrático, pós-exílio. Yhwh, agora chamado de Senhor (*Adonay*), é o único Deus de todo o universo e para todos os povos e culturas. Essa visão, segundo Barros e Gass, assumiu tendências exclusivistas, intolerantes e violentas.⁹

O cristianismo, sendo herdeiro dessa tradição, igualmente crê na existência de um único Deus, o mesmo revelado no Antigo Testamento. Tanto Paulo quanto os Evangelhos sinóticos pressupõem a confissão judaica ao Deus uno e único. No entanto, a titulação de Jesus como Filho de Deus, que é fundamental para as primeiras comunidades, – como aparece nos escritos paulinos e no quarto Evangelho – exige da fé cristã uma resignificação da sua imagem de Deus.¹⁰ A novidade, pois, é que “Deus é uno na medida em que ele é

⁴ BARROS, Odja; GASS, Ildo Bonh Gass. *Re-imaginando a Trindade*. São Leopoldo: CEBI, 2015. p. 10-11.

⁵ FELDMIEIER, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. *O Deus dos vivos: uma doutrina bíblica de Deus*. São Leopoldo: Sinodal: EST, 2015. p. 109-111.

⁶ FELDMIEIER; SPIECKERMANN, 2015, p. 117.

⁷ FELDMIEIER; SPIECKERMANN, 2015, p. 120.

⁸ FELDMIEIR; SPIECKERMANN, 2015, p. 122.

⁹ BARROS; GASS, 2015, p. 10-20.

¹⁰ LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005. p.64-66.

aquele que, na unidade com o Filho, institui unidade.”¹¹ Para Paulo, a própria unidade da comunidade está fundamentada na unicidade de Deus, na qual seu Espírito manifesta-se explicitamente nos crentes, tornando-os um só corpo, apesar de toda a diversidade de membros. Assim, a unidade da multiplicidade das comunidades fundamenta-se na unidade do Deus trinitário; não obstante, a esperança escatológica é de que esse Deus uno trará reconciliação universal dentre judeus e gentios na (re)unificação escatológica em que se revelará como o “Deus, que é sobre todos” (Rm 9.5), do qual, pelo qual e para o qual tudo existe (Rm 11.36).¹²

Também o Jesus testemunhado nos Evangelhos sinóticos pressupõe a unicidade do Deus de Israel, revelando-o, a partir de sua relação como Filho, como um Pai amoroso.¹³ Tal relação implica em que o Filho não faz nada por si próprio, mas só aquilo que o Pai faz e lhe mostra, sendo ele o enviado e o Pai o que envia, portanto, “um com o Pai”. No entanto, “não são εἷς(‘um’), mas também não são dois, e sim εἷς(‘uma só coisa’)”.¹⁴ Ademais, a presença do Espírito Santo na encarnação de Jesus, o Logos divino, e também o seu envio, pós-assunção de Jesus, para substituí-lo como Consolador, exigem especial atenção da comunidade cristã.¹⁵ É sob essa revelação que se fundamenta a doutrina cristã da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – a partir da compreensão de que tanto o Pai quanto o Filho e o Espírito Santo são Deus em essência e que coexistem em unidade sem eliminar a singularidade de cada um, sustentados na comunhão do amor.

A noção cristã de Deus, pois, não abarca o caráter politeísta de outras religiões, mas preserva o caráter monoteísta do judaísmo sob uma nova ótica, e aqui constitui sua originalidade: a unicidade de Deus é essencialmente plural. Na verdade, Deus só é Uno por ser Trino; e só é Trino por ser Uno.¹⁶

A doutrina da Trindade na América Latina – aspectos e contribuições

Considerando a singularidade da doutrina da Trindade para o cristianismo, uma das perguntas que podemos fazer nesse momento é a seguinte: como então falar do Deus Trindade cristão num ambiente de pluralidades e diversidades – religiosa e cultural – como é

¹¹ FELDMEIER; SPIECKERMANN, 2015, p. 129.

¹² FELDMEIER; SPIECKERMANN, 2015, p. 127-133.

¹³ FELDMEIER; SPIECKERMANN, 2015, p. 133-135.

¹⁴ FELDMEIER; SPIECKERMANN, 2015, p. 139.

¹⁵ LADARIA, 2005, p. 102-105.

¹⁶ LADARIA, 2005, p. 23-27.

a América Latina? Ou, melhor: que relevância há na doutrina da Trindade se a pensarmos a partir do solo latino-americano e, mais precisamente, brasileiro? Para uma possível resposta é preciso considerar o que sugerimos acima: o falar de Deus exige-nos sempre criar metáforas, modelos e conceitos oriundos da nossa própria experiência já que não temos acesso ao conhecimento de Deus, podendo falar a seu respeito apenas a partir de sua própria revelação. Tal perspectiva implica em falar de Deus, tendo como ponto de partida o seu modo de relacionar-se com o mundo. Assim, dentro da teologia cristã, é indispensável que se fale *trinitariamente* de Deus.¹⁷

Falar *trinitariamente* de Deus significa, assim como fizeram os Pais da Igreja, preocupar-se muito mais em falar sobre o agir de Deus (encarnação, criação, ressurreição etc.) e a partir disso ver quem ele é.¹⁸ Na Escolástica, por exemplo, o falar sobre Deus assume outra linguagem ou outro ponto de partida em que, ao focar muito mais na unidade – em detrimento do caráter trinitário de Deus – traduziu-se num modo de fazer teologia que se refletia no patriarcalismo, no clericalismo e no institucionalismo, contrapostos ao anúncio de Deus como amor e comunhão.¹⁹ Ademais, a virada antropocêntrica da modernidade faz desenvolver uma antropologia individualista que concebe a Deus como sujeito absoluto, fazendo com que a unicidade se sobreponha à Trindade, deixando a dimensão comunitária obscurecida.²⁰ Em contraponto, a pós-modernidade traz uma perspectiva antropológica intersubjetiva e relacional. Consequentemente, o refletir sobre Deus volta a ser soteriológico, ou seja, volta-se a considerar “a história das relações trinitárias de amor, abertas ao ser humano e ao mundo”. Desse modo, “a teologia trinitária é pensada em termos de comunidade e alteridade, e a experiência é considerada como lugar epistemológico (científico) central da reflexão”.²¹

Dentro dessa perspectiva, uma teologia feita a partir da América Latina tem muito a contribuir. J. L. Segundo chega a dizer, inclusive, que a América Latina, como civilização ocidental “periférica”, pode possibilitar a base de uma nova ideia de Deus mais próxima da revelação cristã. Isto porque, baseado numa nova organização de convivência que supera a dialética dominante-dominado, constitui-se necessariamente numa nova imagem que,

¹⁷ BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Valência: Siquem, 2002. p. 16-19.

¹⁸ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 24-26.

¹⁹ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 26-27.

²⁰ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 27-29.

²¹ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 29.

segundo ele, é mais autêntica e mais profunda.²² Apesar de não termos tamanha pretensão, ainda assim é preciso considerar que “a linguagem da fé também exige uma adequação à linguagem de nosso tempo e sobretudo as nossas vivências atuais”.²³ Essa adequação, no entanto, não significa desprezar toda a discussão anterior, presentes na Bíblia e na tradição cristã. Ao contrário, parte-se dela – como fizemos acima – contextualizando-a a partir da experiência coletiva de determinado grupo; no nosso caso, a América Latina. Como diz Lewis, o objetivo da teologia é sistematizar as ideias que se tem acerca de Deus. Nesse caso, é a reunião de todas as experiências. Assim, para que não se tenha ideias equivocadas acerca de Deus, não se podem tirar conclusões a partir de experiências pessoais. É como um expectador que vê o Atlântico. A experiência dele é real, mas só navegará tranquilamente se utilizar-se de mapas, que é a sistematização das experiências de várias outras pessoas. Do mesmo jeito funcionam a teologia e as doutrinas cristãs: “as doutrinas não são Deus, são como um mapa. Esse mapa, porém, é baseado nas experiências de centenas de pessoas que realmente tiveram contato com Deus.”²⁴

Pensar Deus coletivamente, e aqui no sentido mais geral possível, é fundamental para que não haja o perigo de privatizar Deus a determinado grupo. Tanto é verdade que, na própria Bíblia, em certas etapas, é construída uma noção de Deus conforme um grupo nacional em que esse Deus é cruel para com os inimigos, destruindo-os caso necessário. “Deus cumpre assim uma função social a partir de uma projeção psicológica das aspirações e necessidades do grupo.”²⁵ É na superação dessa visão nacionalista ou tribal que encontramos um aspecto característico da reflexão latino-americana acerca de Deus. Se não constitui uma novidade, constitui pelo menos um marco desse contexto teológico: pensar sobre Deus não é apenas um exercício coletivo, mas o próprio Deus deve ser refletido a partir de sua “coletividade”, bem como contextualmente. Ou seja, a linguagem pela qual falamos a seu respeito é necessariamente a linguagem trinitária, contemplando Deus a partir de sua integralidade – Pai, Filho e Espírito Santo – focando numa visão de Deus como comunhão. Desse modo, a *perichoresis* divina assume lugar central no linguajar teológico latino-americano para expressar, metaforicamente, a diversidade e a unidade de Deus em

²² SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o leigo adulto*: a nossa idéia de Deus. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1976. p.40.

²³ GEBARA, Ivone. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas*: uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 23.

²⁴ LEWIS, C. S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martin Fontes. 2005. p. 197.

²⁵ SEGUNDO, 1976, p. 129.

ressonância com a sociedade hodierna. Afinal, assegura Gebara, a Trindade diz respeito a nós mesmos. Ela comporta a multiplicidade e o desejo de unidade num único movimento. É a linguagem que construímos para tentar exprimir essa consciência de ser multidão e ao mesmo tempo unidade.²⁶

A metáfora da *perichoresis* é importante, primeiramente, na superação da dificuldade em relacionar o monoteísmo cristão com a distinção trinitária.²⁷ A *perichoresis* expressa o caráter de circularidade da eterna vida divina; nesse caso, a unidade divina não fundamenta-se no conceito de divina substância, mas na circulação da vida divina em relação, excluindo o perigo do subordinacionismo.²⁸ “Na *perichoresis* cada pessoa, se distingue não por se separar da outra pessoa, mas por ser totalmente voltada para a outra pessoa.”²⁹ O termo refere-se à interpenetração das pessoas divinas, sua consubstancialidade e inseparabilidade, o que expressa essa *koinonia* trinitária, que constitui a própria natureza de Deus.³⁰

Sob essa ótica, a teologia latino-americana busca resgatar a imagem do Deus-comunhão e, a partir da noção perichorética da Trindade, articula-se a superação das desigualdades nas relações humanas. Diante disso, é preciso tratar da Trindade em suas relações, superando a tendência individualizante das pessoas da Trindade como também o monoteísmo estrito, desenvolvido a partir de uma herança judaica veterotestamentária, reforçada também pelo aporte filosófico grego, tendo consequências na reflexão teológica ocidental que, tradicionalmente, trata primeiro do Deus uno para depois tratar do Deus trino, culminando, na modernidade, num monoteísmo a-trinitário, justificador de totalitarismos e concentração de poder, que se refletem no âmbito político e religioso.³¹ Nesse sentido, a ideia de *perichoresis* fornece subsídios para pensar a própria sociedade latino-americana em suas manifestações de desigualdades, intolerâncias religiosas e explorações ambientais, dentre outras coisas.

Uma Trindade propositora – elementos da perichoresis trinitária e sua incidência na sociedade

²⁶ GEBARA, 1994, p. 27.

²⁷ SILVA, Maria Freire da. *Trindade: criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 114.

²⁸ SILVA, 2009, p. 113-115.

²⁹ SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 143.

³⁰ SILVA, 2009, p. 148-150.

³¹ SILVA, 2009, p. 148-167.

Toda a discussão desenvolvida até aqui permite-nos, agora, elaborar uma base argumentativa para sustentar a ideia de que a doutrina da Trindade pode fornecer e inspirar valores que contribuam para a construção de uma sociedade democrática, justa e que reflitam nas relações humanas, no diálogo inter-religioso e no trato com a natureza, pensando prioritariamente em solo latino-americano, especificamente brasileiro. A ideia não é defender uma cosmovisão cristã para a constituição de uma sociedade, mas, a partir da doutrina da Trindade, apresentar valores que são úteis e essenciais numa sociedade plural e diversificada. Partindo desse pressuposto, a Trindade passa agora a não ser mais objeto de discussão, ou seja, de reflexão doutrinária; mas ganha caráter pragmático, servindo de inspiração para questões ecológicas e sociais, especialmente a partir do conceito de *perichoresis*.

A Trindade e as relações humanas

No que se refere às relações humanas, a metáfora da *perichoresis*, conforme Susin, é fonte de inspiração para a verdadeira democracia social e política, em que triunfam os interesses dos que mais precisam ser servidos.³² Seu conceito pode ser visto como modelo para uma sociedade humana em que prevaleça a justiça e a igualdade.³³ Há, na *perichoresis*, uma base para fundamentar uma analogia social do Deus trino em que, na unidade pericorética das pessoas divinas há correspondência à autêntica comunhão humana que se experimenta: no amor, na amizade, na comunidade plena do Espírito e numa sociedade fundada sobre a justiça.³⁴ Nessa perspectiva, a sociedade humana é vista como um indicador rumo ao mistério trinitário, em que a Trindade serve como modelo para a sociedade integrada.³⁵

No entanto, não podemos estabelecer facilmente um paradigma para a sociedade humana descrevendo Deus, nem – ao contrário – induzir o ser de Deus a partir da sociedade humana, por isso falamos analogicamente e não ontologicamente: “as três pessoas da Trindade estão relacionadas com sua unidade divina como (e não igual a) pessoas humanas com sua comunidade, mas a própria noção de diversidade e unidade é análoga.”³⁶ Isso

³² SUSIN, 2003, p. 145.

³³ SILVA, 2009, p. 45-60.

³⁴ SILVA, 2009, p. 86-107.

³⁵ SILVA, 2009, p. 148-167.

³⁶ SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 35.

porque fazer essa analogia entre Deus e os seres humanos não significa torná-los semelhantes, antes, dado as devidas diferenças, o finito é igual ao finito, como o infinito ao infinito, o que não constata uma relação recíproca entre duas coisas, mas a semelhança entre elas. Nesse caso, sempre que se nota uma semelhança entre criatura e criador, uma dessemelhança maior deve ser observada.³⁷ Enfatizar isso é necessário afim de que se preserve Deus como Deus e os seres humanos como seres humanos.³⁸

Tendo isto em mente, o que propomos não é um tipo de união mística entre a sociedade e a Trindade de forma que tenham uma relação imbricada, mas, sim, destacar aspectos que estão implícitos na *perichoresis* trinitária e que são fundamentais numa sociedade democrática. Dessa forma, Sinner pontua quatro aspectos fundamentais inspirados na *perichoresis* trinitária: alteridade, participação, confiança e coerência.³⁹ Aqui, destaco o conceito de alteridade visto que este é fundamental num contexto plural e diverso.

Uma das metáforas mais conhecidas e citadas acerca de Deus é a que está em 1 Jo 4.8 que diz: “Deus é amor”. Conceber a Deus como amor nada mais é do que concebê-lo como um ser em relação. Não obstante, em linguagem trinitária, isso significa dizer que em Deus há “uma só coisa”: Pai, Filho e Espírito Santo. As variadas metáforas, tanto bíblicas como criadas ao longo da história da doutrina, têm seu sentido na “definição” de Deus como amor. Aquele que tem plena auto posseção é o que pode dar-se inteiramente, portanto, não vive no modo de fechamento, mas na doação do amor. Esse amor é o que mostra a unidade profunda dos três, sendo que não apenas cada um tem esse amor, mas cada pessoa é seu amor. Isso caracteriza a unidade e a distinção em Deus, em que no amor funda-se ao mesmo tempo a máxima união na máxima distinção das pessoas.⁴⁰

Ainda que não se possa exigir dos seres humanos o mesmo nível de interação e relacionalidade como percebidos na Trindade, pode-se dizer que a Trindade “propõe” um modelo de relacionamento humano baseado na alteridade. A diversidade de culturas e tradições, se compreendidas dentro dessa estrutura trinitária, não pode ser usada para justificar inferioridades ou superioridades, mas cidadania participativa e coerente. Tal perspectiva é eficaz para a superação de formas de racismo, xenofobia, marginalização,

³⁷ LADARIA, 2005, p. 401-419.

³⁸ SINNER, 2007, p. 35.

³⁹ SINNER, 2007, p. 37.

⁴⁰ LADARIA, 2005, p. 361-373.

violência e sexismo tão presentes em nossa cultura.⁴¹ “Dessa forma, uma sociedade que se permite inspirar pela comunhão trinitária não pode tolerar as divisões de classe, as dominações a partir de um poder econômico, sexual ou ideológico que subordina e marginaliza os diferentes.”⁴²

Numa realidade plural e diversificada, como é a latino-americana, é preciso reconhecer a singularidade de cada membro da sociedade. A alteridade torna-se, pois, essencial no reconhecimento da diferença e no respeito ao direito de ser diferente. Esse princípio aplica-se, inclusive, na questão religiosa. O respeito pela alteridade adverte tanto contra a intolerância quanto contra o chamado *macroecumenismo*. “Negar o valor da fé do outro é errado, mas igualmente errado é pressupor que ‘Deus de qualquer maneira é o mesmo’, o que tende a levar à indiferença.”⁴³

A Trindade e as religiões

Casos de intolerância de intolerância são frequentes numa sociedade plurirreligiosa. Nesse cenário, as chamadas pequenas religiões, como as de matriz africana e indígenas no Brasil, são as que mais sofrem com o preconceito e a discriminação religiosas, sustentados por um racismo velado (ou nem tanto). Em nome da religião inúmeras pessoas foram e são mortas e violentadas. Por isso o diálogo inter-religioso torna-se fundamental para que uma sociedade plural e democrática consiga estabelecer uma relação respeitosa na convivência entre as pessoas de diferentes credos religiosos.

A preocupação em estabelecer esse diálogo teve início com a teologia cristã influenciada pelas fortes iniciativas ecumênicas do século XX e que, ao expandir esse relacionamento às religiões não cristãs, começa a construir o que vem a ser chamado de teologia das religiões. Tal reflexão é marcadamente soteriológica e pergunta-se sobre o valor salvífico das religiões enquanto religiões.⁴⁴ Sob este questionamento, chega-se a definir três modelos principais de relacionamento entre as religiões: *exclusivismo*, *inclusivismo* e *pluralismo*.⁴⁵ Desde já, vale ressaltar que não temos interesse nessa discussão soteriológica neste momento, portanto, não queremos falar da Trindade como modelo que sustente uma

⁴¹ GEBARA, 1994, p. 44.

⁴² SILVA, 2009, p. 174.

⁴³ SINNER, 2007, p. 37.

⁴⁴ GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 507-508.

⁴⁵ SINNER, 2007, p. 121.

dessas perspectivas ou ainda outra,⁴⁶ mas focar na dimensão dialógica do que se propõe ser o diálogo inter-religioso e no qual a doutrina da Trindade tem a contribuir. Sendo assim, falamos da Trindade não como um modelo ideal e que deva ser imposto às demais denominações religiosas, mas buscamos extrair da noção pericorética da Trindade um conteúdo capaz de trabalhar com as diferenças sob o princípio da alteridade.

Nesse sentido, o debate soteriológico não nos ajuda muito já que, segundo Brakemeier, todos esses modelos, pelo menos em suas formulações clássicas, apresentam alguma dificuldade: o *exclusivismo* admite a alteridade, mas nega legitimidade e arroga para si o monopólio da salvação; o *inclusivismo* nega a alteridade das outras religiões e cristiniza as pessoas por via indireta; já o *pluralismo*, de certa forma, constata as diferenças e as respeita, em contrapartida reconduz a uma espécie de politeísmo, diluindo os critérios do confiável e verdadeiro.⁴⁷ Já que estamos “fugindo” desse debate soteriológico e, portanto, doutrinário e comparativo das religiões, precisamos então nos ater à dimensão prática da incidência da doutrina da Trindade no diálogo inter-religioso. Brakemeier, por exemplo, em se tratando da unidade entre os cristãos – aqui ampliamos às religiões – diz que o ecumenismo prático é o meio mais eficaz, pois, enquanto a doutrina divide, a ação é que une. O engajamento comum em causas urgentes torna o ecumenismo essencialmente prático, no qual o acerto teológico e a unidade mediante a reflexão são postos em segundo plano.⁴⁸ Historicamente, porém, há de se considerar que o ecumenismo prático não se mostrou de modo algum mais fácil de concretizar do que o dogmático.⁴⁹

Brakemeier propõe, então, um modelo de diálogo que pode ser caracterizado como *exclusivismo aberto*. Esse modelo pode ser resumido da seguinte forma: a) todas as religiões contêm “sua” verdade, pois salvam de alguma coisa. É preciso começar o diálogo por esse conceito de salvação; b) todas as religiões são ambíguas, têm patologias e riquezas. A percepção, pois, é diferente, não se deve simplificar tal relação; c) as religiões necessitam de avaliação crítica. É preciso estabelecer parâmetros. Devem pretender socorrer, responsabilizar-se a causas salvacionistas, a exemplo da paz, justiça, dignidade humana, esperança e outras. São responsabilidades comuns das religiões; d) importa, pois, seu

⁴⁶ Veja, p. ex: BERNHARDT, Reinhold. Teologia da Trindade como fundamento de uma teologia protestante das religiões. In: *Estudos Teológicos*, v. 4, n. 2, 2004. p. 58-72.

⁴⁷ BRAKEMEIER, Gottriefd. *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004. p. 22-31.

⁴⁸ BRAKEMEIER, 2004, p. 85.

⁴⁹ BRAKEMEIER, 2004, p. 88.

discurso fundante, não os desvios dos fiéis à proposta original; e) daí a necessidade, na fé cristã, da distinção entre Cristo e o cristianismo.⁵⁰ Aqui acrescentamos o aspecto trinitário ao pensamento cristológico de Brakemeier.

Ao considerar conjuntamente o *exclusivismo aberto* proposto por Brakemeier, que tem por definição o agir em conjunto por causas humanitárias, e a metáfora da *perichoresis* trinitária, encontramos um importante aspecto do que deva ser essencial num diálogo inter-religioso. Tal aspecto é oriundo do recente debate em torno do que significa “pessoa” na Trindade divina e como se constitui a autoconsciência e a alteridade em Deus, considerando a evolução do sentido de pessoa na antropologia moderna. Em vias das dificuldades apresentadas nessa discussão, a teologia católica recente formula, pois, que há três sujeitos divinos conscientes, embora não haja pluralidade de consciência. “Há três sujeitos reciprocamente conscientes por meio de uma só consciência”, sendo que cada pessoa é total e perfeita comunicação de si mesma, é uma consciência exercida por cada um em comunhão com os outros.⁵¹

Transferindo essa noção trinitária para o diálogo inter-religioso, encontramos suporte para oferecer um modelo de diálogo que esteja pautado numa consciência coletiva. Ou seja, apesar das diferentes cosmovisões, dogmas e estruturas que cada religião possua, é possível que haja uma ação em comum em questões que dizem respeito a todas as pessoas, independente do credo, como habitantes do planeta terra. Além de, p. ex., a busca pela paz, pela justiça e dignidade humana, as religiões podem contribuir, nessa noção de consciência coletiva, no debate e na conscientização em nosso tempo sobre a importância de pensar ecologia e preocupar-se com a preservação do meio ambiente que é nossa casa comum, exatamente o significado de *oikuméne*, toda a terra habitada.⁵²

Trindade e ecologia

É importante lembrar do impacto da atividade humana, sentida em toda extensão terrestre, que vem causando uma série de fenômenos climáticos, entre eles o efeito estufa, responsável pelo aquecimento global e pela elevação das temperaturas em todo o globo terrestre. É nítido o descompasso do ser humano com o meio ambiente, o resultado é o

⁵⁰ BRAKEMEIER, 2004, p. 118-120.

⁵¹ LADARIA, 2005, p. 276-296.

⁵² BRAKEMEIER, 2004, p.9.

aumento da poluição e a degradação dos recursos naturais. Essa grave crise ecológica que foi se instaurando com o processo de industrialização selvagem é um reflexo da crise da humanidade que vem se estendendo ao longo dos séculos, uma vez que as causas da crise ecológica são antrópicas, isto é, tem o ser humano como seu principal causador. Desse modo, urge uma verdadeira consciência ética e também uma espiritualidade que reorientem a forma de vida e de organização de toda a família humana.

Levando-se em consideração toda a ampla reflexão que se faz hodiernamente em torno da ecologia, da valorização da natureza, bem como a integração perfeita desta com o ser humano, encontramos uma ótima oportunidade de se perceber na *perichoresis*, a integração do Deus uno e trino na perspectiva ecológica, ou seja, Deus Trindade como modelo de vivência para todo o universo. Para tanto, pensar Deus *trinitariamente* e em *perichoresis* é fundamental, já que “um Deus que é relacionável em si mesmo é capaz de se abrir ao mundo”.⁵³ Assim sendo, o próprio mundo ou cosmo é concebido dentro dessa perspectiva trinitária, significando que o cosmo é marcado ao mesmo tempo pela multiplicidade e pela unidade, pela diferença e interdependência entre todas as coisas. Diversidade e unidade se interpenetrando num mesmo e único movimento de contínua criatividade.⁵⁴

Tal compreensão permite-nos a superação da visão de Deus como sujeito absoluto e o mundo como mero objeto da sua criação e, partindo de uma perspectiva ecológica, pode-se articular uma doutrina cristã da criação na qual a própria redenção estende-se a toda ela, pois a própria criação é um ato trinitário e a imanência de Deus no mundo é percebida em sua relação com a criação que nada mais é que sua própria morada.⁵⁵ No entanto, imaginar o mundo como corpo ou morada de Deus é exatamente isto: imaginá-lo. Não é dizer que o mundo é o corpo de Deus ou que Deus está presente a nós no mundo em sentido ontológico. Essas coisas não sabemos.⁵⁶ O que sabemos é que a metáfora da *perichoresis* trinitária indica-nos que o modo de ser de Deus inclui no centro do seu círculo interno de relação a própria criação.⁵⁷ Desse modo, mais do que apenas os cristãos e mais

⁵³ SILVA, 2009, p. 113.

⁵⁴ GEBARA, 1994, p. 42.

⁵⁵ SILVA, 2009, p. 199-221.

⁵⁶ MACFAGUE, 1996, p. 93-94.

⁵⁷ SUSIN, 2003, p. 46.

do que apenas a humanidade.⁵⁸ O Deus Trindade, pois, não pode ser confundido com o totalmente transcendente (deísta) em que, após criar, desaparece sem deixar vestígios; como também não é o totalmente imanente (panteísta) que se confunde com a própria criação.⁵⁹ Mas, talvez, o termo que melhor defina a relação de Deus com o mundo seja o panenteísmo, na qual a relação Deus-mundo é imbricada pela assertiva de que todas as coisas têm sua origem em Deus e nada existe fora dele, apesar de que isto não indique que Deus esteja reduzido a essas coisas.⁶⁰ Deus está em todas as coisas e, antes ainda, todas as coisas estão em Deus.⁶¹

Finalmente, a perspectiva pericorética da relação Deus-mundo inclui a humanidade em si. Assim, o ser humano precisa conscientizar-se de sua participação numa dimensão ético-ecológica, já que a *perichoresis* trinitária permite falar de comunidade humana e ecológica como um jogo de relações, interligado com o cosmos e com Deus.⁶² O ser humano, pois, é convidado a servir e a administrar cuidadosamente toda a criação. Não por lhes pertencer, ou simplesmente por dela necessitar, mas porque existem e são a glória gratuita de Deus.⁶³

Sem dúvida neste ponto, diferente do que propomos acima, não estamos simplesmente destacando aspectos trinitários que podem ser úteis no refletir ecológico, mas falando do universo como criação de Deus, e não qualquer Deus, mas o Deus Trindade cristão. Em nossa defesa, deve ser dito que essa é a argumentação cristã para refletir a ideia de preservação e a necessidade de conscientização ecológica. Mas, *trinitariamente* falando, outros setores da sociedade podem propor outras vias de argumentação que tenham por alvo o mesmo objetivo. Afinal, o que sabemos, é “que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Rm 8.22), “na esperança de que (...) será libertada da servidão da corrupção” (Rm 8.21).

Considerações Finais

Posições latino-americanas, desde que não simplesmente repitam a teologia dogmática clássica, optam por uma visão contextualizada e metafórica e menos conceitual

⁵⁸ MACFAGUE, 1996, p. 107.

⁵⁹ SUSIN, 2003, p. 94-97.

⁶⁰ MACFAGUE, 1996. p. 108.

⁶¹ SUSIN, 2003, p. 99.

⁶² SILVA, 2009, p. 227-229.

⁶³ SUSIN, 2003, p. 145.

da Trindade. Tais posições tendem a focar numa visão de Deus como comunhão – a partir da metáfora da *perichoresis* - em que, a partir da perspectiva trinitária, articula-se a superação das desigualdades nas relações humanas. Essa comunhão em Deus só é possível graças à sua diversidade intrínseca; portanto, a unidade de Deus fundamenta-se nas relações entre as pessoas divinas. Tal compreensão trinitária dá suporte a uma posição que não tolera as divisões de classes, as dominações a partir de um poder econômico, sexual ou ideológico que subordina e marginaliza os diferentes. Ademais, uma visão integralizadora da Trindade, que entende que Deus está no cosmo e o cosmo está em Deus, insere o ser humano dentro da natureza, tornando-o consciente de sua participação numa dimensão ético-ecológica.

Referências

BARROS, Odja; GASS, Ildo Bonh. *Re-imaginando a Trindade*. São Leopoldo: CEBI, 2015.

BERNHARDT, Reinhold. Teologia da Trindade como fundamento de uma teologia protestante das religiões. In: *Estudos Teológicos*, v. 4, n. 2, 2004.

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Valência: Siquem, 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.

FELDMEIER, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. *O Deus dos vivos: uma doutrina bíblica de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015.

GEBARA, Ivone. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas, 1994.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.

LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LEWIS, C. S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martin Fontes, 2005.

MCFAGUE, Salie. *Modelos de Deus: Teologia para uma era teológica e nuclear*. São Paulo: Paulus, 1996.

SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o leigo adulto: a nossa idéia de Deus*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1976.

SILVA, Maria Freire da. *Trindade: criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009.

SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003.